

DEMOGRAFIA *Taxa de fecundidade, de 1,35 filho por mulher, está entre as menores da Europa; de cada 3 alemãs, 1 não tem filhos*

Partos em baixa questionam família alemã

HENRI DE BRESSON

DO "LE MONDE"

"O último alemão" foi uma manchete publicada em 2004 pelo semanário "Der Spiegel", acompanhada de uma montagem representando um bebê usando uma fralda nas cores da Alemanha e erguendo um halter ao qual se agarram alguns idosos.

A Alemanha está em crise: de cada três mulheres, uma não tem filho, e 40% das mulheres diplomadas em idade própria para procriar não são mães. Ter dois filhos já se tornou uma proeza. A razão apresentada para explicar a situação é a dificuldade em conciliar carreira e filhos, vida moderna e educação. Mas também há o fato de que os filhos custam caro e exigem muitos sacrifícios.

A taxa média de fecundidade das alemãs está entre as menores da Europa: 1,35 filho por mulher, um nível semelhante ao dos países do sul da Europa — Grécia, Itália, Espanha —, onde o número de nascimentos também teve uma queda brutal nas últimas décadas, ou à de alguns dos novos membros da União Européia.

A título de comparação, a França, com um índice de 1,9 e que continua a aumentar, é vista como exemplo, apesar de não alcançar os 2,1 necessários para assegurar a renovação da população.

Essa tendência está levando ao questionamento, na Alemanha, do velho modelo familiar que ainda perdura. Esse sistema se fundamenta na idéia de que uma criança não pode prescindir da mãe nos primeiros anos de vida, tampouco quando entra na escola, aos 6 anos de idade, e mesmo ao longo de toda a idade escolar. Nas escolas, as aulas terminam ao final da manhã, e as crianças voltam para casa na hora do almoço.

Isso significa que, a partir do primeiro filho e certamente a partir do segundo, uma mulher não pode pensar em levar adiante sua carreira profissional. Ainda são muito fortes as pressões sociais sobre as mulheres que rejeitam esse modelo ou que simplesmente não conseguem se encaixar nele, ou porque criam seus filhos sozinhas ou porque são obrigadas a trabalhar por causa da insuficiente renda familiar.

A Alemanha inventou termos terríveis para designar essas mulheres e seus filhos. Fala-se em "mães corvos", que abandonam sua prole, e em "filhos chaves", que têm a chave de casa para poder voltar sozinhos após as aulas.

A maioria das mulheres jovens que transgridem as regras se torna alvo, cedo ou tarde, de observações desairosas por parte de seus colegas de trabalho, vizinhos ou mesmo familiares, mesmo que consigam se organizar com a ajuda das creches que pouco a pouco começam a surgir ou, para as que têm mais sorte, de babás.

"Quando eu estava grávida de meu terceiro filho, o médico chefe da clínica na qual eu trabalhava disse diante de todo o mundo: 'Já chega, ela é preguiçosa demais'", lembra Ursula von der Leyen, ministra dos Assuntos Sociais, das Mulheres, da Família e da Saúde do Estado de Baixa Saxônia.

Filha de família burguesa de Hannover, criada em Bruxelas num modelo bem diferente, a médica conseguiu resistir até então. Para fugir do destino comum, mudou-se com a família para os EUA. Ela se recorda da recepção diferente que encontrou ali. Hoje mãe de sete filhos, essa loira enérgica de 46 anos que é vista como figura exótica fez da maternidade seu cavalo de batalha.

"O movimento precisa começar na cabeça das pessoas", diz. "Nós, na Alemanha, muitas vezes nos apegamos a imagens ultrapassadas da família. Em lugar de possibilitar a liberdade de escolha e criar o contexto necessário, a 'família como célula base da nação' foi elevada, por assim dizer, à condição de ícone, com uma divisão de trabalho do tipo tradicional: a mãe em casa, o pai cuidando do sustento da família."

"Não conseguimos organizar nosso mundo de tal modo que trabalho e profissão possam ser levados de par em par, sem que um exclua o outro", queixou-se. "Em lugar disso, perdemos muito tempo em discussões estereis sobre se a mãe que fica em casa é guardiã do lar ou se a mãe que trabalha fora é mãe-corvo."

A luta da ministra cristã-democrata mostra que a conscientização não é um assunto de direita ou esquerda. É a mesma luta travada em Munique por sua colega bávara Christa Stewens, da muito conservadora União Cristã Social da Baviera, que criou seus seis filhos de maneira tradicional, antes de enveredar pela política.

"Cada um deve ter a liberdade de criar seus filhos à sua própria maneira", disse Stewens.

"A mãe alemã, a longa vida de um mito", já dizia a universitária Barbara Vinken, em ensaio publicado em 2001, para tentar compreender por que o comporta-

mento alemão em matéria de maternidade se distingue a tal ponto daquele de outros países ocidentais, sobretudo escandinavos ou franceses.

Muito já se escreveu sobre o tema. O conceito limitado de núcleo familiar, que se difundiu no século 19 em pleno boom demográfico alemão, foi retomado pelos nazistas, que idealizavam a mãe alemã mas, mais tarde, doutrinavam seus filhos na escola. O pós-guerra, com seu milagre econômico, é acompanhado pela reconstituição do idílio familiar. O Estado era impedido de se imiscuir na criação dos filhos, com a exceção da escola.

Esse modelo sempre era admirado em outros países, que invejavam a disponibilidade das crianças para atividades anexas, esportivas, culturais e outras. As feministas e os Verdes não questionam esse idílio. O movimento de emancipação das mulheres luta pelo salário de educadora para quem permanece em casa, pela igualdade de homens e mulheres nas tarefas domésticas, mas não, como nos EUA ou na França, para permitir que as mulheres possam ser mães e ter uma profissão ao mesmo tempo.

Durante muito tempo se zombou do modelo francês, acusado pela Alemanha de perpetuar um sistema patriarcal dentro dos lares, com a imagem de Epinal da mãe de família camponesa, ao pé da mesa, e, na outra extremidade, a imagem da mulher frívola. A França, que, enquanto isso, soube gerir melhor a relação entre família e trabalho, permitindo uma nova retomada da natalidade, tornou-se a referência para aqueles que, na Alemanha, acham que uma sociedade moderna não pode se contentar em confinar as mães em casa.

A resistência ainda é grande. O porta-voz da diocese católica de Munique lamenta o abandono da sociedade solidária e diz que hoje apenas se levam em conta as necessidades de mão-de-obra das empresas.

"Fui acusada de querer desprivatizar a família", conta a ex-ministra da Família do chanceler (premiê) Gerhard Schröder, Christine Bergmann, que diz nem sempre ter recebido de seus colegas no governo todo o apoio de que precisava. "Havia muitos machistas em volta da mesa."

Entre a esquerda, a prática nem sempre está à altura do discurso. Schröder, por exemplo, é acusado de não ter reformado as leis tributárias de modo a beneficiar as famílias com filhos.